

“A PALAVRA DE DEUS CONVIDA-NOS A VIVER A UNIDADE”: AS REPRESENTAÇÕES DISCURSIVAS SOBRE A UNIÃO DOS POVOS HISPANO-AMERICANOS

Francisco Lindenilson LOPES¹⁰²

Maria Eliete de QUEIROZ¹⁰³

Resumo: O marco teórico do trabalho que ora apresentamos é a ATD. Utilizamos como base teórica os trabalhos de Adam (2008; 2011), Rodrigues, Passeggi e Silva Neto (2010), Queiroz (2013), dentre outros. Propomo-nos a analisar a homilia do Papa Francisco proferida em sua visita a Quito, Equador, em julho de 2015. Interessa-nos compreender como se constrói a representação do tema “A união dos povos hispano-americanos” por parte deste locutor. Os primeiros achados da análise dos dados revelam que as representações discursivas são construídas por meio das categorias semânticas da referenciação, da predicação, da modificação e da localização espacial e temporal.

Palavras-chave: Representação Discursiva. Análise Textual dos Discursos. Discurso Político-religioso.

Resumen: *El marco teórico de esta investigación que se presenta es la ATD. Utilizamos como base teórica los trabajos de Adam (2008; 2011), Rodrigues, Passeggi e Silva Neto (2010), Queiroz (2013), entre otros. Nos proponemos a analizar la homilía del Papa Francisco proferida en su visita a Quito, Ecuador, en julio de 2015. Nos interesa comprender como se construye la representación del tema “La unión de los pueblos hispanoamericanos” por parte de este locutor. Los primeros hallazgos del análisis revelan que las representaciones discursivas son construidas a través de las categorías semánticas de la referenciación, de la predicación, de la modificación y de la localización espacial y temporal.*

Palabras-clave: *Representación Discursiva. Análisis Textual de los Discursos. Discurso Político-religioso.*

¹⁰² Professor do Departamento de Letras Estrangeiras da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), *Campus* Avançado Prof.^a Maria Elisa de A. Maia (CAMEAM), Pau dos Ferros, Rio Grande do Norte, Brasil e mestrando pelo Programa de Pós-graduação em Letras (PPGL) da mesma universidade. E-mail lindenilsonlopes@uern.br.

¹⁰³ Professora do Departamento de Letras Estrangeiras da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) e do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL), *Campus* Avançado Prof.^a Maria Elisa de A. Maia (CAMEAM), Pau dos Ferros, Rio Grande do Norte, Brasil. E-mail eliete_queiroz@yahoo.com.br.

Palavras introdutórias

Na seara das complexas relações entre texto e discurso que suscitam grandes discussões e embates teóricos nos dias atuais, vemos surgir uma abordagem teórico-metodológica fruto da intersecção dos estudos da linguística do texto e da análise do discurso. Tal abordagem responde pelo nome de Análise Textual dos Discursos (ATD) e tem se convertido num exemplo de que a cisão entre texto e discurso se apresenta mais como algo procedimental do que factual. Os trabalhos desenvolvidos nessa abordagem permitem observar a inegável importância que os aspectos da materialidade verbal representam para o entendimento dos discursos que fundam um determinado texto e nele fazem ancoragem.

Nesse viés, o trabalho que ora apresentamos focaliza, como objeto de estudo, a homilia, um gênero textual da esfera do discurso religioso que consiste numa pregação, prática ou comentário expositivo-argumentativo do Evangelho em um ato religioso. A homilia que compõe o nosso *corpus* de análise é a proferida pelo Papa Francisco no Parque do Bicentenário, quando da sua visita a Quito no Equador, em julho de 2015. O nosso objetivo é analisar as representações discursivas que O Papa Francisco constrói do tema “a união dos povos hispano-americanos” no intuito de compreender como se dá a Representação Discursiva de uma América Hispânica unida e através de que recursos textuais-discursivos esse objeto de discurso é operacionalizado.

O percurso traçado ao longo deste trabalho inicia-se com uma breve revisão das teorias que fundamentam a ATD com destaque para a categoria de análise Representação Discursiva. Em seguida analisamos o *corpus* em questão tendo por base as operações semânticas da referenciação, da predicação, da modificação e da localização espaço-temporal, por intermédio das quais chegamos às conclusões enunciadas ao fim do presente trabalho.

A ATD e suas categorias de análise

A Análise Textual do Discurso (ATD) surge de uma perspectiva teórico-metodológica de Adam ([2008], 2011) que associa a Linguística do Texto(LT) à Análise do Discurso (AD). O objetivo dessa aproximação consiste em reintegrar as teorias do texto às teorias do discurso a partir do que elas têm em comum, com vistas a dar um tratamento mais adequado ao “materialmente observável”, isto é, “aos detalhes semiolinguísticos das formas-sentido mediadoras do discurso”(ADAM, 2010, p.9).

Tal abordagem preconizada por Adam (2010) aproxima o texto, enquanto objeto empírico complexo, às suas relações com o domínio mais vasto do discurso em geral que lhe dizem respeito, para assim atribuir-lhes sentido. Dessa forma, nos vemos diante de um dispositivo teórico-analítico que, ao estender as fronteiras epistêmicas do texto e do discurso, nos permite uma visão da textualidade em sua natureza semântica, isto é, enquanto uma unidade de sentido em contexto (Cf. HALLIDAY; HASAN, 1976 apud ADAM, 2010, p. 9).

Assim, podemos entender a ATD como uma interface entre a Linguística do Texto e Análise do Discurso que têm por mediadores os gêneros textuais. Conforme Queiroz (2013).

A ATD é uma área de perspectiva teórica, metodológica, descritiva e interpretativista que concebe ‘o texto e o discurso em novas categorias’ que se complementam e são condicionadas mutuamente. Assim sendo, podemos interpretar que a ATD tem a sua origem na LT, mas que a sua perspectiva teórico-metodológica se enquadra na área da Análise do Discurso. (QUEIROZ, 2013, p. 22-23)

Dentro da nova categorização de texto/discurso de que fala Queiroz (2013), as noções de *contexto* e *cotexto*, caras para a AD e a LT respectivamente, são assim reformuladas por Adam (2011).

Escrevemos “co(n)texto” para dizer que a interpretação de enunciados isolados apoia-se tanto na (re)construção de enunciados à esquerda e/ou à direita (cotexto) como na operação de contextualização, que consiste em imaginar uma situação de enunciação que torne possível o enunciado considerado. (ADAM, 2011, p. 52-53).

Na perspectiva defendida pelo autor, a noção de discurso (Discurso = *texto + contexto/condições de produção e de recepção-interpretação*) deve ser revista por apresentar uma oposição e uma complementariedade entre texto e discurso que não corresponde à realidade. Para Adam(2011), há nessa questão uma confusão entre os dados do ambiente linguístico imediato, ditos cotextuais, e os dados da situação extralinguística. A AD toma a situação extralinguística, dita contextual, a partir do linguístico, mas o faz acreditando que se tem acesso direto aos dados objetivos desse contexto, quando na verdade só se tem acesso a sua (re)construção feita por falantes e/ou por analistas, sendo, portanto, afetada por pré-construídos culturais.

Por esse viés da discussão co(n)textual, Adam(2010, p. 9-10), apoiando-se em Sarfati (2003), passa a defender uma abordagem que atenda ao que ele apontou como um “déficit

filológico” da AD, qual seja: a necessidade das disciplinas do discurso em refletir sobre “o estatuto do texto”, bem como em uma “teoria específica do texto” que apresente congruência com suas problemáticas. De outra parte, Adam (2010, p.10) conclama para a LT a tarefa de “teorizar as fronteiras peritextuais” que se encontram integradas e situadas nas fronteiras do texto enquanto unidade, bem como de “teorizar as relações entre cotextos inseridos numa organização (macro)textual agrupando um certo número de textos”. Como se vê, a proposição de Adam(2011, p. 43) de uma Linguística do Texto e de uma Análise Textual dentro de uma Análise do Discurso intenta “articular uma linguística textual desvincilhada da gramática de texto e uma análise de discurso emancipada da análise de discurso francesa”.

Nesses moldes, Adam (2011) irá distinguir linguisticamente oito níveis de análise (N), sendo os três primeiros relativos à Análise de Discurso e os cinco restantes à Análise Textual, colocando no centro desse modelo os gêneros de texto/discurso como elo integrador dos dois campos analíticos. Com isso o autor procurou demonstrar esquematicamente o vasto campo de pesquisa a ser explorado pela ATD, enquanto dispositivo teórico-analítico (Cf. ADAM, 2011). Dado o reduzido espaço que dispomos, optamos por direcionar as discussões a esse respeito para o nível de análise que encerra as categorias que abordamos, qual seja: o (N6) ou Nível Semântico do texto no qual o estudo das Representações Discursivas (RD) se encontra localizado.

Para entendermos o conceito de Representações discursivas (Rd) precisamos discorrer sobre um conceito chave da ATD que é o conceito de *proposição-enunciado*. Adam (2011, p.106) define como unidade mínima para a análise textual a *proposição-enunciado*, esclarecendo que esta definição marca “a natureza do produto de uma enunciação (enunciado)” e ao mesmo tempo designa “uma microunidade sintático-semântica (proposição)”. Para o autor,

[...] ao escolher falar de *proposição-enunciado*, não definimos uma unidade tão virtual como a proposição dos lógicos ou a dos gramáticos, mas uma unidade textual de base, efetivamente realizada e produzida por um ato de enunciação, portanto, como um *enunciado mínimo*. (ADAM, 2011, p. 106, grifos do autor).

Com a *proposição-enunciado* Adam (2011) rejeita a frase como unidade mínima de análise, rompendo com a tradição para considerá-la apenas como elemento de segmentação de ordem tipográfica, dotado de características textuais relevantes, mas que traz graves problemas para o estudo, em face da sua estabilidade sintática pouco suficiente.

Destarte, a proposição-enunciado é a unidade mínima veiculadora de um objeto de discurso, com a qual um locutor enuncia sua posição de locução através de índices específicos e, ao mesmo tempo, postula uma posição de alocação na qual um alocutário lhe fará frente.

Em termos composicionais, toda proposição-enunciado se estrutura entorno de três dimensões complementares, quais sejam:

[...] uma **dimensão enunciativa[B]** que se encarrega da representação construída verbalmente de **um conteúdo referencial[A]** e dá-lhe uma certa **potencialidade argumentativa [ORarg]** que lhe confere uma força ou valor ilocucionário [F] mais ou menos identificável. (ADAM, 2011, p. 109)

Podemos observar que na tríade preconizada por Adam (2011, p. 110), a proposição-enunciado forma uma pirâmide que ilustra esquematicamente a natureza de todo ato de referência, definido como “uma construção operada no e pelo discurso de um locutor e com uma (re)construção por um interpretante”. Vale salientar que tal pirâmide não tem valor hierárquico em relação aos seus três componentes. Na verdade, sua estruturação piramidal serve tão somente ao propósito de situar a Representação Discursiva [A] e o Valor ilocucionário/Orientação Argumentativa [F] na mesma linha, ao passo em que coloca a enunciação [B] em posição mediana entre [A] e [F].

Figura 01 – Esquema 10 proposto por Adam (2011)



No Esquema 10 de Adam (2011), reproduzido na Figura 01, os três componentes da proposição-enunciado que acabam por se converter em categorias de análise para a ATD. Aqui nos interessa o elemento [A] dessa tríade, a Representação Discursiva ou esquematização, concebida como o valor descritivo de toda proposição enunciada, ou ainda como uma representação ou objeto de discurso comunicável, construído semanticamente na atividade discursiva de referência (cf. ADAM, 2011).

As Representações Discursivas podem ser encaradas como uma visão de mundo, como um ponto de vista ou ainda como uma projeção de um “pequeno mundo”, conforme descreve Adam (2011, p. 114). Em Passeggi (2010, p. 173) vemos posto que “todo texto constrói, com maior ou menor explicitação, uma representação discursiva do seu enunciador, do seu ouvinte ou leitor e dos temas ou assuntos que são tratados”. Essa construção de que Passeggi (2010) fala é a construção de uma representação discursiva sobre a qual

pretende-se dar a entender que a linguagem faz referência e que todo texto é uma proposição de mundo que solicita do interpretante (auditor ou locutor) uma atividade semelhante, mas não simétrica, de (re)construção dessa proposição de (pequeno) mundo ou Rd. (ADAM, 2011, p.114).

Percebamos, pois, que ao compor um determinado enunciado o locutor projeta na natureza enunciativa elementos de referência à sua posição no mundo, ao seu ponto de vista, ao conteúdo que se propõe a transmitir, aos seus interesses manifestos ou não, à própria situação de enunciação, aos seus coenunciadores etc. Ou seja, todo um microcosmo de informações que representa uma proposição de mundo manifesta linguisticamente no texto e que é passível de (re)construção pelo alocutário ou interpretante. Aliás, Adam (2011, p. 114) ressalta a proeminência do interpretante como o responsável pela (re)construção da Rd a partir “dos enunciados (esquematização) em função de suas próprias finalidades (objetivos, intenções) e de suas representações psicossociais da situação, do enunciador e do mundo do texto, assim como de seus pressupostos culturais.”.

Destarte, Queiroz (2013) destaca a importância de dois outros elementos para a construção de uma Rd: o conteúdo semântico e o alocutário, que se somam ao papel do locutor/produtor. Portanto, deve-se levar em consideração “quem produz, o que produz e para quem produz os enunciados” (QUEIROZ, 2013, p. 49).

Na esteira dessa discussão, a ATD utiliza categorias semânticas como índices textuais para ajudar na (re)construção das Rd. Tais categorias são tomadas de empréstimo da “lógica natural” de Grice (1990, 1996 apud RODRIGUES, SILVA NETO, PASSEGGI, 2010, p. 174). Destas, utilizaremos para nossa análise das Rd as categorias referência/referenciação; predicação; modificação; localização espacial e temporal.

A representação discursiva da “unidade” dos povos hispano-americanos

Partindo das reflexões teórico-metodológicas travadas até aqui, iremos agora analisar as proposições enunciadas pelo locutor Papa Francisco que dizem respeito ao objeto de discurso “unidade” dos povos hispano-americanos. Para tanto, primeiramente, analisaremos o gênero textual homilia e a sua utilização para materializar o discurso religioso e em seguida veremos quais recursos textuais/discursivos são utilizados na construção de uma Rd de “unidade” dos povos hispano-americanos.

O gênero textual homilia e o discurso religioso

Costa (2014) em seu “Dicionário de gêneros textuais” define o gênero homilia da seguinte forma:

HOMILIA (v. DISCURSO, ORAÇÃO, PRÁTICA, SERMÃO): pregação, prática (v.) ou comentário (v.) expositivo-argumentativo do Evangelho, visando explicá-lo e analisá-lo, geralmente após sua leitura, em um ato religioso (missa, funeral, bênção, etc.), feita em estilo mais coloquial que um sermão (v.) ou discurso(v.). (COSTA, 2014, p. 146).

A homilia, conforme apreendemos do verbete acima, tem *caráter didático* já que visa explicar o Evangelho através de análises, comentários, exemplificações, aplicações em casos práticos e contextualizações dos enunciados bíblicos. Assim, percebemos o alto grau de envolvimento e subjetividade do seu orador/escritor, haja visto ser um texto altamente embreado nas concepções ideológicas daquele que o profere/compõe. Podemos inferir um *caráter persuasivo ou exortativo* já que na sua *composição* predominam as sequências *expositiva e argumentativa*. Ao passo em que se inclina ao *estilo coloquial* na sua escolha da linguagem (intermediária entre a formalidade do sermão ou do discurso), podemos também supor que visa à aproximação do locutor/pregador com o alocutário/auditório. A adequação da linguagem opaca do texto bíblico ao grande público parece ser um imperativo no gênero homilia. É importante também ressaltar que Costa (2014, p. 146) menciona o *evento discursivo* no qual se enquadra o gênero homilia, qual seja: o momento posterior à leitura do Evangelho num “ato religioso (missa, funeral, bênção, etc.)”.

Um fato que merece o devido relevo, no caso do gênero homilia, é justamente esse quê referencial ou, melhor dizendo, a sua remissão a outros textos sagrados de base. Com efeito, Castro (1987, p. 31 *apud* PEDROSA, 2001) já postulava que “todo discurso religioso (pela sua natureza) tem a ver com outro discurso religioso”. De fato, devemos considerar que todos os

gêneros textuais surgidos no seio do cristianismo tem um texto dogmático no qual se basear, a Bíblia, e a partir deste vários outros se seguem numa ampla rede de intertextualidade e interdiscursividade.

A homilia do Papa Francisco que ora analisamos apresenta vários trechos de citações curtas da Bíblia e de outros textos dogmáticos. São referências assumidas e devidamente marcadas sob a forma de remissões na superfície do texto, conforme o início da homilia, transcrita a seguir, mostra.

[L. 008 - 013] A palavra de Deus convida-nos a viver a unidade, para que o mundo acredite. Imagino aquele sussurro de Jesus na Última Ceia como um grito nesta Missa que celebramos no «Parque do Bicentenário». O Bicentenário daquele Grito de Independência da Hispano-América. Foi um grito, nascido da consciência da falta de liberdade, de estar a ser espremidos e saqueados, «sujeitos às conveniências dos poderosos de turno» (*Evangelii gaudium*, 213).¹⁰⁴

Podemos ver no final do trecho destacado (das linhas 008 a 013) uma remissão a outro documento da Igreja Católica que é a primeira Exortação Apostólica do papa Francisco intitulada *Evangelii gaudium* (EG). Além desta, várias outras remissões marcadas aparecem ao longo da homilia, conforme ilustra tabela a seguir:

¹⁰⁴ Tradução nossa do original: “La palabra de Dios nos invita a vivir la unidad para que el mundo crea. Me imagino ese susurro de Jesús en la última Cena como un grito en esta misa que celebramos en «El Parque Bicentenario». Imaginémoslos juntos. El Bicentenario de aquel Grito de Independencia de Hispanoamérica. Ése fue un grito, nacido de la conciencia de la falta de libertades, de estar siendo exprimidos, saqueados, «sometidos a conveniencias circunstanciales de los poderosos de turno» (*Evangelii gaudium*, 213)”

Figura 02 - Tabela de remissões a textos dogmáticos

Textos de remissão	Ocorrência	Linhas em que aparecem na homilia
<i>Evangelii gaudium (EG)</i>	10	013, 018, 021, 030, 045, 048, 053, 064, 085, 087, 102.
<i>Pastores gregis (PG)</i>	1	073
<i>Documento de Aparecida</i>	1	077
<i>Textos Bíblicos:</i> <i>Jonas (Jn); Efésios (Ef);</i> <i>Gálatas (Ga); Romanos</i> <i>(Rm); Coríntios(Co)</i>	Jn(1), Ef(1), Ga(2), Rm(2), Co(1)	(Jn)080, (Ef) 101, (Ga)102 e 104, (Rm)103 e 105, (Co)108.

Fonte: elaboração nossa.

A Figura 02 mostra, apenas nas marcas remissivas de citações formais, pelo menos quatro importantes documentos dogmáticos aos quais a homilia em análise faz referência: os dois primeiros, em ordem de aparição, são duas exortações apostólicas de autorias dos papas Francisco e João Paulo II, respectivamente; o terceiro é o Documento de Aparecida; o quarto, e último, é oriundo da Bíblia, em sua maioria são livros do Novo Testamento, a exceção do livro de Jonas que figura no Antigo Testamento. Em suma, os dados elencados na tabela anterior corroboram o que Orlandi (1996, p. 259), constatou sobre o discurso teológico, para quem tal discurso “se manifesta como um comentário a um texto de origem, há sempre um dizer já dito, um redizer da significação divina”.

Olhando para o intertexto/interdiscurso, a função desse “dizer já dito” postulado por Orlandi (1996) é o argumento de autoridade. A palavra de Deus é posta no discurso religioso como algo inquestionável, com valor de verdade absoluta. Nesse sentido, a relação semântica que esse argumento de autoridade pretende instaurar é que ou se segue as palavras de Deus tomando-as com valor de verdade absoluta, ou não se segue e se estará sujeito às consequências. Na homilia em análise, a utilização de relações semânticas dá lugar a este argumento de autoridade quando coloca no mesmo plano as seguintes ideias:

Figura 03: Relações semânticas



Fonte: elaboração nossa.

O norte argumentativo das relações semânticas esboçadas acima aponta para uma aproximação entre os entes sagrados (modelos perfeitos) e os entes humanos com imperfeições a serem sanadas. Assim, a forma como são construídas as relações supracitadas no plano textual

aponta: para a necessidade da palavra de Deus constituir-se no fazer do homem já que ela é a verdade; para a constatação de que em um dado momento das histórias de Jesus e dos povos hispano-americanos (Última Ceia e primeiro Grito de Independência, respectivamente) os atos de Jesus e os atos dos homens hispano-americanos se equipararam por lutarem contra sistemas dominantes; e para o fato de ambos, Jesus e povos hispano-americanos, terem sido martirizados pelos poderosos de suas épocas.

Olhando sobre esse viés das relações semânticas, o trecho inicial da homilia citado anteriormente (linhas 008 a 013) ilustra essas questões. Retomando esse trecho inicial, vemos que, ao enunciar “A palavra de Deus convida-nos a viver a unidade, para que o mundo acredite”, o Papa Francisco coloca em relevo a força e a autoridade da palavra de Deus ao destacá-la como referente e tema (tematização) desse enunciado. Ao longo da homilia esse referente é retomado (retematização) de várias formas (L009 “sussurro de Jesus”, L014 “gritos”, L034 “o clamor de Jesus”, L040 “a evangelização”, etc.). No que diz respeito à predicação desse enunciado, temos na forma verbal auxiliar “convida-nos” um tom modalizador do discurso de autoridade instaurado pelo discurso religioso. Talvez a modalização aqui sirva para reforçar a função diplomática e mediadora do ato religioso que estava inserido numa viagem apostólica, cujo valor político é o de uma viagem diplomática¹⁰⁵. Já na forma verbal principal “viver”, vemos a consolidação da primeira relação semântica (Esquema 01), na qual é imperiosa a necessidade de viver segundo a palavra de Deus.

¹⁰⁵ Não nos aprofundaremos na análise desse modalizador por questão de espaço, motivo pelo qual optamos apenas pelo seu registro *grosso modo*, mesmo sabendo do seu potencial como marca da Responsabilidade Enunciativa que guarda estreita relação com outras Rds cuja análise foge ao escopo deste trabalho.

Para projetar as demais relações semânticas (Esquema 01), o Papa Francisco utiliza uma alusão ao local no qual o ato religioso ocorreu: O Parque Bicentenário, em Quito, no Equador. Ao dizer “Imagino aquele sussurro de Jesus na Última Ceia, como um grito nesta missa que celebramos no Parque do Bicentenário. O Bicentenário daquele Grito de Independência da Hispano-américa.” O Papa Francisco utiliza aqui um índice de uma circunstância ancorada no tempo (o processo histórico de independência dos povos hispano-americanos) e no espaço (o parque que foi erguido em homenagem ao fato histórico) para ativar a memória interdiscursiva dos seus ouvintes/alocutários. Além disso, o papa coloca o acontecimento da Última Ceia e a celebração da Missa no Parque Bicentenário num mesmo plano semântico através do conector “como”. Essa relação que aproxima o fato religioso do fato histórico progride no trecho seguinte onde se diz: “Esse foi um grito nascido da consciência da falta de liberdade, de estar a ser espremidos e saqueados, sujeitos às conveniências circunstanciais dos poderosos de turno.”.

Com essas operações semânticas no plano do texto (relação e localização) a intenção do orador/locutor é fazer coincidir o plano religioso com o plano político-histórico. Tal coincidência é projetada com vistas a estabelecer uma relação de analogia entre as ações de Jesus na sua luta contra os poderosos que afligiam seu povo e os colonos hispano-americanos que lutavam contra a falta de liberdade, as pressões políticas e as explorações de ordem econômica por parte da metrópole. Sob esse viés, os atos revolucionários de Jesus como líder e modelo a ser seguido são equiparados aos atos do povo hispano-americano quando lutaram pela sua independência. Tal perspectiva é assumida pelo papa no trecho seguinte da homilia em que ele enuncia [L014] “Quisiera que hoy los dos gritos concuerden bajo el hermoso desafío de la evangelización”¹⁰⁶. Nessa proposição enunciada, a categoria semântica da modificação opera na forma verbal, “quisiera” marcando a assunção da posição de sujeito do discurso (verbo em 1ª pessoa), bem como a assunção do desejo de que os dois planos (religioso e político-histórico) coincidam, tendo em vista que está conjugado no Pret. Imperf. do Subjuntivo. Aliás, a forma verbal “concuerden” também está conjugada no subjuntivo, só que no tempo presente. A escolha dessas formas verbais não é fortuita, pelo contrário, como nos ensinam os postulados da ATD. Essas formas foram escolhidas justamente por esses aspectos modificadores do sentido que, no caso em tela, tem no modo subjuntivo a expressão dos matizes de desejos e aspirações alocados no campo das possibilidades e incertezas.

¹⁰⁶ Para evitar problemas na análise, preferimos manter o original no corpo do texto. Numa tradução nossa o trecho em análise equivaleria a: “Queria que hoje os dois gritos coincidisse sob o belo desafio da evangelização.”.

O Papa Francisco na composição da homilia ora analisada demonstra uma acurada seleção dos elementos textuais para aproximar a palavra de Deus às ações dos homens, com especial atenção ao seu público imediato, os povos hispano-americanos. A referenciação, a predicação, a modificação e a localização foram as principais categorias semânticas empregadas nesse movimento argumentativo inicial da homilia. A análise do trecho inicial evidencia que o principal objetivo era apresentar o objeto de discurso central (a unidade dos povos hispano-americanos) e, se possível, sensibilizar o seu auditório através da sobreposição dos planos religioso e político-histórico. No tópico seguinte, analisaremos melhor a rede semântica construída entorno do objeto de discurso “unidade”.

A rede semântica da “unidade”

O termo “unidad” aparece oito vezes no texto e é, sem sombra de dúvidas, o fio condutor da rede semântica que se cria entorno do conceito de unidade. Aliás, no que concerne ao gênero textual homilia, podemos postular a existência de um *leitmotiv*¹⁰⁷ ou tema condutor. Esse *assunto principal* deve provir dos textos sagrados para ser atualizado, explicado e contextualizado pelo sacerdote que conduz o ato religioso como um todo, no qual a homilia está inserida (cf. BUYST, 2007, p.15). Assim, o tema condutor presente na homilia em análise é a “unidade” enunciada no livro do apóstolo João do Novo Testamento que aparece devidamente marcado com aspas no terceiro parágrafo do texto: [L.022] “Padre, que sean uno para que el mundo crea”.

¹⁰⁷ Tomamos de empréstimo dos estudos literários o termo *Leitmotiv* (do alemão, *motivo condutor* ou *motivo de ligação*) para designar a repetição ou retomada de um tema ao longo do texto, o qual envolve uma significação especial, no nosso caso, relacionado à natureza do gênero textual em tela.

O trecho citado vem da *Oração de Jesus pelos seus discípulos* presente no Capítulo 17 do livro de João. Nele, a noção de “unidade” faz referência à Santíssima Trindade (Deus Pai, Jesus filho e o Espírito Santo) e, no Capítulo 17 especificamente, se remete ao sacrifício de Jesus para a salvação do mundo. Refere-se aquele momento final no qual Jesus prenuncia a sua morte da vida na terra para que Ele possa voltar a ser uno com o Deus Pai na vida eterna: doa a si próprio, através do flagelo de sua vida terrena, para a salvação do mundo e o faz unindo-se ao Deus Pai, quando da sua ressurreição. É importante ressaltar que, na oração, Jesus pede a união de todos os homens a Deus: “para que todos sejam um, como tu, ó Pai, o és em mim, e eu, em ti; que também eles sejam um em nós, para que o mundo creia que tu me enviaste.”(Jo 17,21). Tal pedido é feito como forma do homem ser alçado à perfeição divina: “Eu neles, e tu em mim, para que eles sejam perfeitos em unidade [...]”(Jo 17,23).

Come se pode perceber, a noção de “unidade” é totalmente embreada nas concepções dogmáticas do catolicismo e é uma via para se chegar à união divina com Deus. Ao basear a homilia no tema “unidade”, o Papa Francisco traz no intertexto essas concepções dogmáticas para justificar a união de todos os seres humanos e, sobretudo, a união dos povos hispano-americanos, ao dizer: [L008] “La palabra de Dios nos invita a vivir la unidad para que el mundo crea.”. A tese defendida pelo discurso religioso do Papa é que a união dos povos é um mandamento divino que deve ser cumprido, se assim quisermos chegar à união com Deus na eternidade, como também o fez Jesus.

Ao olharmos com maior cuidado o trecho [L008] citado acima, podemos perceber que, apesar de ser o *leitmotiv*, o tema “unidade” aparece em posição de rema:

Figura 04: Segmentação em tema/rema

TEMA	REMA 1	REMA 2
La palabra de Dios	nos invita a vivir la unidad	para que el mundo crea

Fonte: elaboração nossa

No enunciado em tela, “a palavra de Deus” em posição temática garante a proeminência do poder divino sobre o agir dos homens, a quem cumpre o papel de aceitar o convite para viver a unidade como condição para que o mundo acredite que estes são homens de Deus. Assim sendo, parece-nos que esse arranjo do enunciado se fez na intenção de realçar “a palavra de Deus” na sua condição de dado e “a unidade” na sua condição de novo. Temos, pois, no plano do texto, uma estrutura sintática que projeta para o significado do ente “unidade” a condição de algo a ser conseguido (o novo ou rema) através da palavra de Deus (o dado ou tema). É

interessante perceber que a palavra “unidade”, em suas oito ocorrências, aparece rematizada em quatro enunciados. Na Figura 05 a seguir, compilamos as ocorrências do termo “unidade”, vejamos:

Figura 05 – Ocorrências do termo “unidade”

Nº	Linha do texto	Cotexto
O1	L8	La palabra de Dios nos invita a vivir la unidad para que el mundo crea.
O2	L20	[...] Su presencia [la de Jesús] nos impulsa a la unidad , «señala un horizonte bello, ofrece un banquete deseable».
O3	L35	Nuestra respuesta repite el clamor de Jesús y acepta la gracia y la tarea de la unidad .
O4	L40	Y la evangelización puede ser vehículo de unidad de aspiraciones, sensibilidades, ilusiones y hasta de ciertas utopías.
O5	L45	El anhelo de unidad supone la dulce y confortadora alegría de evangelizar
O6	L53	[...] es impensable que brille la unidad si la mundanidad espiritual nos hace estar en guerra entre nosotros [...]
O7	L58	Esta unidad es ya una acción misionera «para que el mundo crea».
O8	L89	La inmensa riqueza de lo variado, de lo múltiple que alcanza la unidad cada vez que hacemos memoria de aquel Jueves Santo, nos aleja de tentaciones de propuestas unicistas más cercanas a dictaduras, a ideologías, a sectarismos.

Fonte: elaboração nossa.

Nas ocorrências O1, O2, O3 e O4 vemos o termo “unidade” em posição de rema e ao (re)construirmos os sentidos que se projetam nessas ocorrências temos que: em O1 a unidade é um convite de Deus; em O2 a unidade é impulsionada pela presença de Jesus; em O3 a unidade é graça e tarefa que deve ser aceita por nós como resposta ao clamor de Jesus; e em O4 a unidade de aspirações, sensibilidades esperanças, utopias é (ou poderá ser) veiculada pela evangelização. É importante destacar que estas quatro ocorrências coincidem com o início do texto, isto é, com os primeiros movimentos argumentativos. Até a altura da língua 40 (das 123 do total) a rematização do *lifmotiv* projeta para a “unidade” a representação discursiva de algo novo, algo ideal, a ser conseguido mediante a obediência aos dogmas católicos. Dogmas esses que, ao serem tematizados, aparecem como referentes das predicções de quem: convida (na O1), impulsiona(na O2), clama(na O3) e veicula (na O4) a unidade dos povos.

Nos demais casos, a “unidade” em posição de tema sinaliza uma mudança de perspectiva. Na O5 a “unidade” faz parte de um grupo nominal colocado na posição de tema:

Tema

O5. El anhelo de **unidad** supone la dulce y confortadora alegría de evangelizar

Aqui, a construção preposicionada “de unidade” completa o sentido do substantivo “anseio”, numa ordem muito semelhante aos casos de adjetivos epítéticos analisados por Adam (2011). Segundo este autor, um sintagma dito substantival pode ser segmentado em duas zonas as quais ele chama de *pré-zona* (cadeia intercalada entre o determinante e o substantivo) e *pós-zona* (cadeia que segue o substantivo até o fim do grupo nominal). Ao analisar as construções Adjetivo + Substantivo (adjetivo localizado na pré-zona) e Substantivo + Adjetivo (adjetivo localizado na pós-zona), Adam (2011) chega à conclusão de que o adjetivo anteposto ao substantivo traz consigo o apagamento do seu sema principal em favor de uma fusão prosódica e lexical com o substantivo. No segundo caso, do adjetivo posposto ao substantivo, ocorre o contrário: o adjetivo na pós-zona é sempre focalizado, tendo o seu sentido bastante reforçado. No caso que ora analisamos, a construção preposicionada “de unidade” na condição de adjetivo epítético parece de fato atrair para si uma focalização maior, igualmente ao descrito por Adam (2011). Dessa forma, a localização da “unidade” na pós-zona do sintagma que ocupa a posição de tema do enunciado promove o esvaziamento do substantivo “anseio”, adquirindo para si um valor distintivo capaz de veicular uma informação propriamente nova: a unidade é um anseio.

Na O6 o locutor emprega um hipérbato, invertendo a posição do termo “unidade” com sua predicação “es impensable que brille”. Essa inversão caracteriza o enunciado do tipo extração-clivagem, descrito por Adam (2011), cuja função é destacar ou focalizar o rema. Aqui, possivelmente, o locutor pretendeu acentuar a contradição entre o desejo de unidade e as mazelas do pensamento mundano que só gera desunião, através da extração-clivagem da predicação “es impensable que brilhe”.

Em O7 a “unidade”, aqui colocada na posição de substantivo central no tema, é caracterizada como ação missionária. Contudo, essa projeção de sentido é apenas uma retomada conceitual de um argumento já desenvolvido no parágrafo anterior, o que justifica a posição firme do termo “unidade” como tema do enunciado, portanto na condição de dado. Some-se a isso, o demonstrativo “esta” anteposto à “unidade” corroborando a retomada anafórica.

Em O8 vemos mais uma vez a posição de realce da “unidade”, quando esta é alocada na pós-zona do sintagma que ocupa a posição de tema. Aqui vemos uma cadeia de natureza epítética mais complexa:

¹⁰⁸ Para evitar problemas na análise, preferimos manter o original no corpo do texto. Numa tradução nossa o trecho em análise equivaleria a: “O anseio de unidade supõe a doce e reconfortante alegria de evangelizar”.

Tema

O8. **La inmensa riqueza de lo variado, de lo múltiple que alcanza la unidad** cada vez que hacemos memoria [...] ¹⁰⁹

Nesse caso, vemos uma estrutura de justaposição do tipo [S-A1, A2] onde o substantivo “riqueza” é caracterizado duplamente pelas construções epítéticas “de lo variado” e “de lo multiple que alcanza la unidad” justapostas pelo emprego de uma vírgula. Mais uma vez temos a “unidade” no ponto mais extremo da pós-zona, posição que lhe garante realce ao manter o seu sentido específico. Tal estrutura garante à “unidade” a projeção de um sentido unívoco fruto de sua combinação com os demais itens que se posicionam à sua esquerda no sintagma. Aqui a intenção foi projetar o sentido de “unidade” distante do unitarismo e próximo da “multiplicidade”, da “multiforme harmonia que atrai” e da “imensa riqueza da variedade”.

Em vias de conclusão: a união dos povos hispano-americanos pela palavra de Deus

Nossa análise de uma homilia proferida pelo Papa Francisco, em viagem a Quito no Equador em 07 de julho de 2015, teve como ponto de partida a categoria da Representação Discursiva (RD) proposta pela Análise Textual dos Discursos (ATD). Tal análise se restringiu a uma representação discursiva em particular: a representação discursiva da “unidade” dos povos hispano-americanos.

Nossas reflexões acerca do gênero textual homilia apontaram para a compreensão de sua funcionalidade dentro de um evento discursivo mais amplo (uma ato religioso como uma missa, um casamento, etc.), bem como para a sua natureza textual marcada pela existência de um tema condutor, ou assunto principal geralmente provindo de outro texto sagrado. Reflexões estas que revelam a natureza predominantemente intertextual e interdiscursiva do gênero homilia, tendo em visto o seu diálogo constante com outros textos dogmáticos. Em seu cerne exortativo, explicativo e atualizador, a homilia se revela como um gênero altamente embreado nas concepções político-ideológicas e histórico-culturais do seu locutor/escritor e, por isso mesmo, uma ótima fonte de dados para análise.

¹⁰⁹ Para evitar problemas na análise, preferimos manter o original no corpo do texto. Numa tradução nossa o trecho em análise equivaleria a: “A imensa riqueza da variedade, a multiplicidade que alcança a unidade todas as vezes que fazemos memória[...]”.

No plano argumentativo, pudemos perceber que há uma orientação no sentido de aproximação dos planos discursivos da religião e do político-histórico. O locutor se empenha, no início do texto, em aproximar esses dois planos através de seus pontos em comum, tais como a luta de Jesus Cristo e dos independentistas hispano-americanos contra sistemas sócio-políticos que os dominavam e os subjugavam em suas épocas. Nessa aproximação o locutor fez uso das categorias semânticas da localização espacial e temporal para aproximar os eventos da Última Ceia de Jesus, com a missa que se realizava no Parque do Bicentenário em Quito (aliás, parque este erguido em homenagem ao primeiro grito de Independência Hispano-americana) e com os movimentos de Independência das colônias hispano-americanas.

O locutor faz coincidir no eixo espaço-tempo o plano religioso e político-histórico para, num primeiro momento, sensibilizar o seu auditório e, num segundo momento, enunciar o seu objeto de discurso: a mesma unidade (ou união) que os povos hispano-americanos tiveram quando de sua independência, deveriam ter agora, num momento em que o mundo está dividido por egoísmos e sectarismos que são posturas desumanas e anticristãs, dilaceradoras da alma. A orientação argumentativa progride nesse sentido através de uma rede semântica construída entorno do conceito de “unidade”, um dogma do catolicismo que aprioristicamente significa união com Deus, mas que é resignificado e projetado discursivamente de diferentes formas.

As representações discursivas em torno da “unidade” bíblica são projetadas através de uma rede semântica em torno do termo “unidade” que ora ocupa a posição de novo, sendo rematizado, ora a de dado, sendo retomado. Dessa forma, a dinâmica textual avança através da progressão do tema condutor “unidade” definido, ao longo de suas oito ocorrências, como: 1) um convite de Deus; 2) algo a ser impulsionado pela presença de Jesus; 3) graça e tarefa que deve ser aceita por todos como resposta ao clamor de Jesus; 4) algo a ser veiculado pela evangelização; 5) anseio 6) algo não compatível com as mundanidades; 7) ação missionária; e 8) multiplicidade.

As projeções semânticas da noção de “unidade” que aqui procuramos destacar nos permitiram (re)construir a Representação Discursiva do objeto de discurso “unidade dos povos hispano-americanos” tomando por base as movimentações argumentativas e os recursos textuais discursivos empregados pelo Papa Francisco em sua homilia. Tal Rd enuncia a união dos povos, de uma maneira geral, como uma missão cristã e como única via para se unir a Deus espiritualmente. Desse ponto de vista, é preciso, pois, se unir ao próximo altruisticamente, através da ação missionária que leva às últimas consequências o amor fraternal pregado pela figura bíblica de Jesus e de seu sacrifício. Especificamente no caso dos povos hispano-americanos,

esse dever divino da união é reforçado pelo contexto social, político e histórico que lhes são comuns.

Por fim, ressaltamos que não foi nosso interesse esgotar todas as perspectivas de interpretação das Rds presentes no corpus analisado. Aliás, isso fica evidente quando, por questões de espaço, deixamos de dar o tratamento adequado a outras categorias analíticas que colaboram na construção da representação discursiva tomada como objeto neste trabalho.

Apesar disso, esperamos ter cumprido com a nossa missão de trazer à luz a nossa visão de analistas sobre o objeto de discurso “união dos povos hispano-americanos” no gênero homilia operacionalizado no atravessamento discursivo do campo religioso e político-histórico.

Referências

ADAM, J-M. **A Linguística Textual**: introdução à análise textual dos discursos. Trad. Maria das Graças Soares Rodrigues; João Gomes Silva Neto; Luis Passeggi; Eulália Leurquin; Vera Lúcia Fraga. São Paulo: Cortez, 2011.

_____. **A Análise Textual dos Discursos**: entre Gramáticas de Texto e Análise do Discurso. Conferência realizada durante a Jornada em homenagem a Patrick Charaudeau: “A análise do discurso nas ciências da linguagem e da comunicação”. Trad. Michele Valois; Dóris de Arruda C. da Cunha. Lyon II, 4 de junho de 2010. p. 1-14.

BÍBLIA SAGRADA, Tradução em português da Vulgata Latina por Pe. Antônio Pereira de Figueiredo. São Paulo: DCL, 2006.

BUYST, I. **Homilia, partilha da palavra**. São Paulo: Paulinas, 2007.

COSTA, S. R. **Dicionário de gêneros textuais**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

FRANCISCO. Viaje apostólico del Santo Padre Francisco a Ecuador. Santa Misa por la evangelización de los pueblos – Parque Bicentenario (Quito, 7 de julio de 2015). **Homilía del Santo Padre**. Roma: Librería Editrice Vaticana, 2015. Acesso em: 20/07/2015 Disponível em:

http://w2.vatican.va/content/francesco/es/homilies/2015/documents/papafrancesco_20150707_ecuadoromeliabicentenario.html

ORLANDI, E. P. **A linguagem e seu funcionamento**: as formas do discurso. Campinas: Pontes, 1996.

PEDROSA, C. E. F. **Discurso religioso**: funções e especificidade. Rio de Janeiro: Soletas, v. 14, 2001.

QUEIROZ, M. E. **Representações discursivas no discurso político**. “Não me fiz sigla e legenda por acaso”: o discurso de renúncia do senador Antonio Carlos Magalhães (30/05/2001).

2013. 188 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós – Graduação em Estudos da Linguagem, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal. 2013.

RODRIGUES, M, das G. S.; SILVA NETO, J. G.; PASSEGGI, L. (Orgs.). **Análises textuais e discursivas**: metodologias e aplicações. São Paulo: Cortez, 2010.